UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

CIDADÃOS EM TODA PARTE OU CIDADÃOS À PARTE? DEMANDAS DE DIREITOS E RECONHECIMENTO NO BRASIL E NA FRANÇA.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Niterói
2009

FABIO REIS MOTA

CIDADÃOS EM TODA PARTE OU CIDADÃOS À PARTE?
DEMANDAS DE DIREITOS E RECONHECIMENTO NO BRASIL E NA FRANÇA.

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor.

Orientador: Professor **Roberto Kant de Lima**

Niterói
2009

CIDADÃOS EM TODA PARTE OU CIDADÃOS À PARTE?
DEMANDAS DE DIREITOS E RECONHECIMENTO NO BRASIL E NA FRANÇA.

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor.

Niterói, 20 de fevereiro de 2009.

Banca Examinadora

_____
Professor Roberto Kant de Lima (orientador).
PPGA/UFF.

_____
Professor Daniel Cefaï
Université de Paris X e CEMS-EHESS.

_____
Professora Eliane Cantarino O'Dwyer
PPGA/UFF.

_____
Professor Luís Roberto Cardoso de Oliveira
PPGAS/UnB.

_____
Professor Marco Antônio da Silva Mello
PPGA/UFF.

_____
Professor Ronaldo Joaquim da Silveira Lobão.
PPGSD/UFF.

_____
Professora Maria Stella Amorim - suplente
Universidade Gama Filho

_____
Professor Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – suplente
PPGA/UFF.

Niterói, 2009

Às diversas pessoas que, com amor e carinho, incentivaram esta longa jornada pelos "mares" que naveguei. Em especial, à Leticia e aos meus pais, Edna e Toninho, cujo amor tem sido um sopro de vento para as "velas" dos barcos em que andei.

Agradecimentos:

A vida é a arte do encontro, pois é através dele que podemos coexistir e transformar os contornos e traçados de nossa história. Essa tese é fruto de diversos encontros que, ao longo de meu percurso pessoal e profissional, colaboram com meu velejar por essas diferentes praias e mares. Pessoas com as quais encontrei portos, naveguei, pensei e arrisquei... Sou grato por suas palavras, gestos, amizades e força nos melhores e piores momentos dessa navegação.

Pelas ondas do mar da vida, pela Marambaia muito naveguei. Por lá muitos amigos, colegas e companheiros encontrei. Foram muitas travessias por essas águas que banham a Ilha. Aos muitos que encontrei, agradeço pelo acolhimento, pelas palavras, pela luta, pelas portas abertas de suas casas e histórias. Não poderia deixar de citar alguns. Sem dúvida, a luta de Adriano (e de sua família Lima), sua amizade, carinho, foi vento inspirador para outras partidas para outros portos perdidos. Agradeço ao Seu Joel, Seu Adilino, Dona Antônia, entre outros, por terem me permitido compreender o quanto uma luta pode ser também diversão. Agradeço a Dona Sebastiana pela maneira sutil de persistir em existir. Muito obrigado à Vânia, Pedrão, João Paulo, Seu Nana, Toca e muitos outros que muito me ajudaram nesse navegar.

Dentre os portos que aportei, foi no NUFEP que troquei com muitos amigos, parceiros e camaradas. Lá, com eles, muito arrisquei... Não poderia deixar de agradecer ao timoneiro dessa grande embarcação que tem a conduzido por mares diversos com determinação. Agradeço ao Kant, professor, amigo e orientador, pela sua dedicação em suas orientações. Homem do mar que é, sempre estimulou seus alunos, orientados e amigos a navegar e seguir pelo mar sem pestanejar. Foi incentivador de muitos caminhos que tomei, discutindo, escutando, ensinando e apoiando. Entusiasta da transformação, conduziu esse rico lugar de encontros que é o NUFEP. Meu muito obrigado ao dedicado, ético e comprometido (com a coisa pública) professor e amigo que me apoiou por muitos mares em que naveguei! Para cima e para o alto, sempre...

Nessa embarcação encontrei amigos e parceiros de pesquisa, discussão e intervenção. O colega, amigo e professor Ronaldo Lobão foi, sem dúvida, um grande camarada, amigo e professor das companhas montadas para nossas campanhas no mar. Por muitos lugares que passamos, por muitas águas que navegamos, sua amizade, opiniões e observações foram essenciais. Camarada para todas as horas, observador sagaz, Lobão foi um amigo e parceiro de trabalho que fez do mar um bom lugar para continuar a navegar. Espero que possamos continuar a nos aventurar por essas águas de uma antropologia possível.

Outro navegante e condutor dessa embarcação, que tem seguido e apoiado meus passos nos mares em que andei, é o professor e amigo Marco Antonio da Silva Mello. Mello foi sempre um entusiasta das aventuras antropológicas de seus alunos, apoiando-os e estimulando-os com leituras, dicas e conversações. Passar horas de conversa, escutando suas orientações, foi fundamental para minha formação. Muito obrigado, Mello.

Outros amigos e colegas do NUFEP foram figuras ímpares nesse trajeto por mares revoltos. Lúcio e Lênin foram amigos e cúmplices incontestes dessas guinadas dadas pelos mares do mundo. Sou muito grato pela amizade de Lucía, de sua sempre disponibilidade para colaborar. Agradeço aos amigos Christian, Sabrina e Roberta pela colaboração, seja de perto ou de longe, sempre presente. Aos novos colegas e amigos, obrigado por partilhar bons momentos: obrigado Virgínia, pela dedicação e colaboração; valeu Fred, por ser parceiro, e obrigado Antônio Rafael, pelo empenho no ofício. Tenho que agradecer a Gláucia Mouzinho pelo apoio e incentivo freqüente, bem como aos amigos Zé Colaço, Brigida e Vivian pela grandiosa amizade no NUFEP e no NUFAS.

Nas ondas da Pós-Graduação, agradeço aos meus professores do PPGA que muito partilharam e ensinaram. Em especial, agradeço a professora Eliane Cantarino pelas discussões em seus cursos, bem como o Professor Paulo Gabriel pelas indicações bibliográficas e apoio constante. Agradeço a Ilma pela ajuda na construção desse espaço. Outros professores que passaram pelo PPGA e pelo NUFEP foram fundamentais nesse percurso. Agradeço pelas gentis contribuições do professor Luís Roberto, cujo trabalho tem sido fonte de muitas e novas discussões entre nós do Núcleo e do Programa.

Quero expressar meus sinceros agradecimentos para os amigos e colegas que estiveram entre as praias e morros que freqüentei. As prazerosas vezes que estive em Itaipu e no Morro das Andorinhas foram marcadas pela hospitalidade da família de Seu Chico e de seu Bichinho, demonstrando que os gestos de fraternidade podem superar as mais difíceis barreiras. Obrigado em especial ao Seu Chico, Tidi e Seu Bichinho.

Já distante do mar, no ritmo de samba de bambas, sou grato ao acolhimento da família Sacopã, cuja luta pelos humanos direitos inspirou este trabalho. Sou grato pelos prazerosos momentos que passei por lá, partilhando as conversas, escutando os sambas, degustando a amizade, a feijoada e a cerveja gelada ao lado de pessoas com um espírito vibrante. Um agradecimento ao Luís pela sua lição de perseverança.

Em outros mares em que naveguei, tive a oportunidade de partilhar muitos projetos, discussões e ações na UENF e no ISP. Na UENF, encontrei bons marinheiros, mestres do mar que colaboraram com a construção deste trabalho. Em especial, agradeço ao colega e amigo Arno Vogel pelas conversações e aulas. Agradeço aos meus amigos Freitas, Wânia e Javier pelas boas horas de discussão. Agradeço aos meus alunos, que acreditaram nesse trabalho e continuaram a trilhar seus caminhos. No ISP, pude experimentar outros mares e construir novos portos ao lado de amigos e colegas. A determinação, ética e compromisso de Ana Paula foram essenciais para todos que naquele barco se encontravam. Encontrar e trabalhar com Kátia nos levou a uma longa amizade. Agradeço à minha amiga Solange, em especial, pela amizade, carinho e conselhos amigos. Também meu muito obrigado para Lana pelo apoio. Agradeço aos “camaradas do mar”, parceiros de longas jornadas, Fabio Fabiano e Eduardo Tavares Paes, pelas ações e projetos em comum. Não poderia deixar de expressar minha gratidão aos companheiros da Habtec, em especial meu muito obrigado ao Paulo pelo acolhimento e confiança.

A grande parte dessa tese foi escrita ao “pé” da montanha, em Piabetá, numa pequena e aprazível *maison*. Morada da avó de minha querida amiga Soninha, foi lá que ergui os primeiros alicerces desse trabalho. Obrigado Soninha, pela amizade e apoio. Também a doce presença de Leticia foi estímulo constante para a superação dos momentos mais difíceis. Sua ajuda, leituras, observações, amor e carinho foram ventos que ajudaram a embarcação navegar. Agradeço muito a Lete, cujo amor superou mesmo a distância!

Essa tese é fruto também de encontros por mares distantes. Do outro lado do oceano, encontrei muitos amigos e parceiros nessa empreitada. Agradeço muito aos amigos de primeira hora: Rita, por sua tenra amizade, Sidão, pelas longas conversações e desconstruções, André, pelas noites com cachaça e Foucault, Biaggio, pelo estímulo, Amílcar, pela ajuda constante, e Abraão, pelas boas horas de conversa. São pessoas sem as quais me desterritorializar e me aventurar na França não seria tão agradável. Agradeço aos amigos Etienne, Sophie e Virginia pelas histórias vividas e pelos sentimentos partilhados.

Agradeço imensamente ao Jean-Claude, com quem naveguei por mares diversos em nossas histórias, conversações e discussões. Foram as belas palavras e imagens pinçadas por Chamoiseau que fizeram de nossas conversas uma vibrante amizade. Obrigado pelas portas abertas, gargalhadas e andanças pelos mares do Caribe e do Brasil. Valeu, meu amigo, pela grande amizade!

Tenho que agradecer muito ao meu amigo Moise, pelas conversações e discussões que ganhavam as madrugadas da cidade de Paris. Sua inquietude com o mundo foi porto importante para a coexistência que ali fundamos. As portas abertas de sua casa, suas iguarias, sua amizade, serviram de estímulo para continuar a navegar. Também gostaria muito de agradecer ao Eddy, a Ana Julieta, a Mona e ao Antônio, pelas agradáveis conversas e discussões. Também meu muito obrigado aos amigos e camaradas Gabriel, Alexandre Werneck e Fernando Fontainha, companheiros combativos dessa grande companha brasileira em Paris. “É nóis”... Um agradecimento especial ao Fernando pela solícita ajuda na tradução de um dos documentos jurídicos analisados por mim. Valeu!

Nos mares da academia, encontrei pessoas que muito colaboraram com esse trabalho. Daniel Cefaï foi um mestre e companheiro fundamental nessa companha. Estimulou-me a seguir por mares desconhecidos, abriu novas portas, foi amigo compreensível nas horas em que o mar se agitava. Obrigado pelas conversas e indicações. O professor Laurent Thévenot, com sua dedicação em escutar, discutir e orientar, colaborou significativamente na condução desse trabalho. As discussões em seus seminários, nos *caffés* e nos outros espaços de convívio foram importantes para o esboço dessa tese, pois seu trabalho foi, sem dúvida, uma das fontes de inspiração. Muito obrigado por sua generosidade, amizade e apoio. Sou muito grato aos outros colegas e amigos da EHESS e da Université Paris X, em especial os professores Marc Breviglieri e Pedro Sanchez, pelas portas abertas, dicas, conversas e interesse em colaborar. Obrigado Marc, pelos jantares amigos e divertidos. Valeu Pedro, pela atenção e carinho. Na

França, pude ainda encontrar e estreitar os laços acadêmicos e de amizade com o professor José Resende, de Lisboa, um incentivador de minhas investidas por mares distantes e inconstantes. Desse laço, espero que possam surgir novas parcerias para outros também navegarem. Agradeço ao meu amigo e colega Matthieu, pelas estimulantes discussões, seja nos ares da academia francesa, seja nos bares do Rio de Janeiro. Independentemente do lugar, foram ricas as contribuições. Não posso esquecer das outras pessoas que ajudaram direta ou indiretamente esse trabalho. Agradeço ao René Levy, do CESDIP, pelas dicas, pois foi ele o primeiro a chamar minha atenção para a questão dos Antilhanos na França. Sou grato também a Antoine Garapon, do IHEJ, pelas dicas, conversas e material destinado para minha tese. Algumas conversas com ele aqui no Rio foram decisivas para tomar alguns novos rumos. Gostaria também de agradecer imensamente o professor Pierre Teisserenc por suas generosas contribuições.

Sem o apoio das instituições de fomento à pesquisa não teria sido possível caminhar por esses mares. As bolsas e auxílios concedidos pela CAPES, que me destinou uma bolsa-sanduíche para realizar o estágio doutoral na França, e pelo CNPq, que me destinou uma bolsa de Doutorado, foram centrais para minha formação e para a produção dessa tese. Espero ter retribuído com um trabalho que tenha algum efeito no mundo acadêmico, bem como no campo político e social. Agradeço também a FAPERJ pelos diversos apoios à pesquisa e extensão, bem como o CNPT/IBAMA, FNMA que contribuíram com recursos essenciais à minha pesquisa.

Por fim, devo um agradecimento especial para minha família. Ainda que muitos não compreendam bem meus passos e escolhas, eles aceitaram e apoiaram incondicionalmente os rumos que imprimi em minha vida. Agradeço meu pai Toninho e minha mãe Edina que me educaram, lutaram e batalharam para que eu chegasse até aqui. Uma família humilde, portadora de outras riquezas: o companheirismo, a fraternidade, a amizade e o cuidado com o outro. Sou grato pelo amor destinado por eles a mim. São eles que, com suas lições, carinho e ensinamentos, fizeram que meu trajeto fosse tão bom. Sou grato ao meu irmão por sua garra e determinação. Aprendi muito com ele nessa vida. Como sou de uma família extensa, não poderia deixar de registrar meus agradecimentos aos meus tios, cujas estradas construídas serviram de inspiração pro meu navegar. Em especial agradeço aos meus tios Chiquinho, Feliciano, Mundico e Edson pela garra e coragem. Agradeço meu primo Edilvan pela amizade e carinho. Uma grandiosa família em extensão de amor e coração.

Como o mar é o “meu ninho, meu leito, meu chão”, espero poder, a partir desse trabalho, continuar a navegar com os colegas e amigos que me incentivaram e colaboram decisivamente para a produção dessa tese. Meu muito obrigado pela amizade, ajuda e colaboração! Que venham os novos encontros!

“O caminho para uma produção intelectual que seja sempre crítica de si mesma passa pela identificação desse modelo para agilizar sua capacidade criadora e original. Há que utilizar com fecundidade nossas formas de expressão literárias e criativas, incapazes de descobertas bem comportadas; nossa oralidade e prolixidade; nossa impontualidade e falta de objetividade, sem reificá-las mas sem reprimi-las, percebendo-as pelo que são enquanto expressão de nossa identidade e reflexo de choques com outras identidades. Há que também conviver e exercitar-se revolucionariamente nessas características individualistas e disciplinares, fundadas no rígido controle de produção individual e na suposta liberdade de questionamento ilimitado dentro da forma acadêmica preestabelecida, exigente de um grande caos interior para parir estrelas bailarinas”.

(Roberto Kant de Lima, Quando os índios somos nós,1997).

SUMÁRIO:

RESUMO/ABSTRACT 12

INTRODUÇÃO 13

- Algumas linhas teóricas. 20

- Os caminhos percorridos e as metodologias empregadas. 29

CAPÍTULO 1: AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS, OS QUILOMBOLAS E OS ANTILHANOS : DISPOSITIVOS POLITICOS NAS MOBILIZAÇÕES COLETIVAS. 44

1.1 Populações Tradicionais: Rosseau *versus* Lavoisier. 47

1.2 Quilombos de ontem, quilombos de hoje: a "desfrigorificação" de um conceito. 57

1.3 Os Antilhanos e o paradoxo republicano. 78

CAPÍTULO 2: POSSE DA HISTÓRIA: O PROCESSO DE REIVINDICAÇÃO DO RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA MARAMBAIA. 90

2.1 Memórias da escravidão. 95

2.2 Memórias da escola de pesca. 111

2.3 No tempo da Marinha e a posse da história. 121

CAPÍTULO 3: QUANDO A CIDADE VIRA MEIO AMBIENTE: O PROCESSO DE RECONHECIMENTO DOS DIREITOS TERRITORIAIS DA COMUNIDADE TRADICIONAL DO MORRO DAS ANDORINHAS 151

3.1 "Tanto quem faz e se apraz, um dia a casa cai!" 158

3.2 Em cena, a associação. 166

3.3 O meio ambiente não desiste. 176

CAPÍTULO 4: AS IDENTIDADES MEURTRIÈRES E O CORPUS REPUBLICANO: O PARADOXO FRANCÊS 185

4.1 Ser nacional é ser universal. 188

4.2 Ser negro francês e ser francês negro: entre assimilação, integração e reconhecimento. 198

4.3 O jogo pelo reconhecimento. 210

4.4 O reconhecimento e a luta pela reparação da memória. 221

CAPÍTULO 5 CIDADANIA, HIERARQUIA E DEMOCRACIA : NOTAS SOBRE O UNIVERSALISMO FRANCÊS E O PARTICULARISMO BRASILEIRO 235

5.1 A noção de igualdade a prova das sensibilidades jurídicas. 240

5.2 Ser cidadão, ter cidadania: alguns apontamentos. 243

5.3 Dignidade, diferença e igualdade: o reconhecimento em jogo. 261

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: RECONHECER E SER CONHECIDO: DUAS LÓGICAS E UM PARADOXO. 272

Legislação citada. 281

Documentos diversos citados. 283

Bibliografia. 284

Anexos. 302

Resumo:
Propomos discutir na tese os processos de mobilizações coletivas que envolvem demandas de direitos e de reconhecimento vinculadas às reivindicações de identidades diferenciadas. Discutindo esta problemática sob o ponto de vista antropológico, empreendemos uma análise contrastiva entre as sensibilidades jurídicas e as gramáticas políticas, jurídicas e morais brasileira e francesa, para lançar um olhar sobre os processos reivindicatórios de grupos concebidos nestes dois espaços públicos como "minoritários". No Brasil as demandas de direitos vinculados a reivindicações de identidades diferenciadas, podem ser observadas em situações de conflitos que envolvem o reconhecimento das identidades e de direitos dos denominados "remanescentes de quilombos" e das "populações tradicionais". Portanto, elegemos como campo empírico a controvérsia pública relacionada ao reconhecimento da comunidade "remanescentes de quilombos" da Ilha da Marambaia, localizada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, e o conflito existente entre o "meio ambiente" e a Comunidade Tradicional do Morro das Andorinhas, localizada no bairro de Itaipu, Niterói. Na França, cuja composição cultural, étnica, nacional e religiosa é diversa, tais processos podem ser observados em diferentes contextos. Lançamos nosso olhar para as demandas de reconhecimento de direitos e de identidades diferenciadas levadas a cabo pelos "Antilhanos" que moram em Paris, em especial os martiniquenses, cujo paradoxo de ser francês negro, promove uma oscilação entre ser "*français à part entière et français entièrement à part*". Propomos discutir de que modo estes atores lançam mão de diferentes regimes de engajamento para justificar suas reivindicações, tornando-as legítimas ou não nestas arenas públicas. Partindo do princípio que estes regimes obedecem a diferentes gramáticas jurídicas, políticas e morais, chamamos atenção para o fato que as denominadas *políticas de reconhecimento* ganham contornos distintos de acordo com os contextos locais.
Palavras-chave : antropologia ; reconhecimento ; ação afirmativa ; Brasil e França.

Abstract:
Our focus in this thesis is to discuss several collective action processes which are aimed on quests for rights and recognition that activate claims for distinctive identities from an anthropological point of view.
We undertake a contrastive analysis between Brazilian and French legal sensibilities and moral, legal and political grammars in order to pursue an understanding over the claims of groups who are conceived in the public spaces of these two cultures as "minorities".
In Brazil , we can see claims for land rights and others, tied to a recognition of distinctive identities, as the struggle for recognition of traditional peoples and former slaves descendants, called "*quilombolas*" shows. Our fieldwork was done among the *quilombolas* of Marambaia Island (located on south shore of Rio de Janeiro State), and along the conflict between environmental activists the traditional community of Andorinhas Mountain (located in the city of Niterói , State of Rio de Janeiro).
In France , we could see these claims in different contexts, once this country has another cultural, ethnic, national and religious background. In a fieldwork of eighteen months in Paris , we could follow the demands for rights and for distinctive recognition held by people from the Antilles that live in Paris, mainly the ones from Martinique . They live a particular paradox in which being black and French promotes a pendulum between being "*français à part entière et français entièrement à part*".
Our ethnography shows these actors activate different "*regimes d'angagement"* to support their claims, which in distinctive public space, become legitimate or illegitimate, accordingly. The clue is that these *regimes* are build from different legal, political and moral grammars and so recognition politics are conceived and practiced according to local contexts.
Keys-word : anthropology ; recognition ; affirmative action ; Brazil and France.